



Memória, Identidade e Resistência: as Comunidades Quilombolas de Poções (BA)

Isaac Dias Martins*¹, Ana Angélica Leal Barbosa¹

¹Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia,

* isaac.carmo@uesb.edu.br

TRABALHOS COMPLETOS – GT 01 – Etnicidade, Memória e Educação

RESUMO

Este artigo analisa estudos sobre comunidades quilombolas em Poções-Bahia, evidenciando a presença negra como elemento central na formação sociocultural da região. A pesquisa integra a linha de Etnicidade, Memória e Educação das Relações Étnicas no mestrado em Educação e Contemporaneidade (PPGREC). O estudo justifica-se pela necessidade de resgatar e valorizar a história das comunidades quilombolas da Lagoa do João, Vassouras e Pimenteiras no município de Poções, historicamente silenciadas pela narrativa oficial que privilegia a figura dos conquistadores e invisibiliza a presença negra no Sertão da Ressaca. A metodologia adotada é qualitativa, baseada na revisão de literatura e análise documental. Os resultados e discussões indicam que, embora reconhecidas oficialmente desde 2011 pela Fundação Cultural Palmares (FCP), essas comunidades ainda enfrentam exclusão social, precariedade no acesso à saúde e invisibilidade política, conforme revelam estudos recentes. Observa-se que o território funciona como espaço de resistência, onde a memória coletiva e a organização comunitária sustentam a identidade quilombola. Conclui-se que fortalecer a oralidade e o protagonismo dessas comunidades é essencial para romper com a história única e promover políticas públicas mais inclusivas e equitativas.

Palavras chave: Quilombolas; Identidade étnica; Poções.

Submetido em: 09/10/2025 | **Aceito em:** 10/11/2025

Introdução

Situado no Sudoeste baiano, o município de Poções integra o território delimitado no século XVIII como Sertão da Ressaca, espaço estratégico para a Coroa portuguesa, que buscava abrir rotas de comunicação entre o sertão e o litoral, explorar metais preciosos e expandir a pecuária. A região foi marcada pelos projetos coloniais e pelo contato e conflitos entre diferentes grupos indígenas, como os Mongoiós, subgrupo dos Camacãs, e os Pataxós, como também pela presença negra. Conforme aponta Nascimento (2008), a chegada dos negros esteve vinculada, desde o início, à formação de comunidades quilombolas, o que gerou apreensão por parte das autoridades coloniais, preocupadas com a possibilidade de resistência organizada.



A análise de documentos do período, como a bandeira de André da Rocha Pinto em 1727, evidencia que a colonização da região esteve relacionada não apenas à busca de riquezas, mas também à repressão de quilombos e ao extermínio indígena. Ainda assim, registros históricos e relatos orais demonstram que, antes mesmo do avanço bandeirante, já havia trocas culturais entre negros e indígenas, o que reforça a centralidade dessas populações na formação sociocultural da região.

As comunidades negras rurais de Lagoa do João, Vassouras e Pimenteiras, no município de Poções, constituem importantes espaços de resistência e de preservação da memória coletiva e identidade étnica. Reconhecidas oficialmente como quilombolas em 2011 pela Fundação Cultural Palmares, essas comunidades mantêm vínculos com tradições orais que remetem a ancestrais vindos da região da Laje do Gavião e do Quilombo do Cinzento, estabelecendo conexões entre memória, território e identidade.

Investigar a história e a experiência dessas comunidades é relevante para compreender a dinâmica local e situar os quilombos do Sertão da Ressaca no contexto mais amplo das relações étnicas e raciais no Brasil. Além disso, embora já existam pesquisas sobre a presença negra e quilombolas na região, Ferreira (2003), Santos (2004) e Nascimento (2008) ressaltam que ainda se observa uma lacuna no que se refere à sistematização da tradição oral e às formas de pertencimento e autoidentificação quilombola.

Assim, este artigo busca contribuir para a discussão sobre pertencimento e memória quilombola, articulando fontes documentais, tradição oral e revisão da literatura, a fim de evidenciar os processos de construção identitária das comunidades de Lagoa do João, Vassouras e Pimenteiras.

Revisando a literatura sobre as comunidades quilombolas de Poções

A pesquisa sobre comunidades quilombolas na região Sudoeste da Bahia, em especial sobre o município de Poções e as comunidades de Lagoa do João, Vassouras e Pimenteiras, ainda é incipiente, mas já apresenta contribuições relevantes que auxiliam na compreensão histórica, social e identitária desses



territórios. Para sistematizar esse campo, realizamos buscas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no Portal de Periódicos da CAPES utilizando os descritores “Quilombolas” and “Lagoa do João” and “Pimenteiras” and “vassouras”. Foram pesquisados individualmente e juntos não alterando os resultados.

Foram identificadas duas dissertações de mestrado. A primeira, de Larissa Souza Lima da Silva (2023), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da UESB, intitulada *Representações Sociais e Memória de Pessoas Idosas Quilombolas sobre o acesso à Atenção Primária à Saúde: Uma Questão de Equidade e Universalidade*, que analisou memórias e representações sociais de 24 pessoas idosas residentes em cinco comunidades quilombolas de Poções (Lagoa do João, Vassouras, Pimenteiras, Lagoa dos Patos e Queimadas). O estudo evidenciou que a população idosa percebe a ausência de equipe de saúde local como uma barreira ao acesso à atenção básica, devido à distância das Unidades Básicas de Saúde (UBS), revelando fragilidades nos princípios de equidade e universalidade do SUS. A contribuição dessa pesquisa é significativa ao articular memória coletiva e direito à saúde, demonstrando como as experiências vividas nas comunidades quilombolas reforçam a necessidade de políticas públicas sensíveis às especificidades territoriais.

Outra contribuição importante é a dissertação de Gerusa Martins da Silva (2024), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ, intitulada *Do Chão da Labuta à Luta Política no Território Quilombola da Lagoa do João nos Marcos Contraditórios do Capital*. O trabalho, de caráter qualitativo e etnográfico, envolveu visitas às comunidades, participação em reuniões da associação local, plenárias e rodas de conversa, buscando compreender o espaço social e a luta política dos quilombolas de Lagoa do João. A autora identifica que, apesar de algumas melhorias estruturais, como o acesso à energia elétrica e às cisternas, persistem problemas históricos relacionados à seca, à desigualdade e à marginalização. Para Silva (2004), os quilombolas de Lagoa do João, reconhecidos como uma identidade campesina, permanecem à margem



da sociedade, submetidos a novas formas de opressão impostas pelo avanço do capital no campo.

A pesquisa também evidencia a invisibilidade social e política do quilombo, uma vez que grande parte da população de Poções desconhece sua existência, reflexo de práticas históricas de silenciamento das elites locais. Frente a esse contexto, o estudo aponta que a resistência da comunidade se fortalece por meio da construção de uma consciência política, expressa em suas formas de organização coletiva e na luta pelo direito de permanecer no território. Assim, a dissertação contribui para a compreensão das contradições vividas pelos quilombolas de Lagoa do João, ao articular território, luta política e invisibilidade social, ampliando o debate sobre a relação entre pertencimento, campesinato e identidade étnica.

Diante dessas contribuições, nota-se que os estudos sobre as comunidades quilombolas em Poções enfatizam tanto os desafios no acesso a direitos básicos, como saúde, quanto a resistência política frente às desigualdades sociais e econômicas. Esses trabalhos revelam a centralidade do território enquanto espaço de disputas, memórias e afirmação coletiva, mas também evidenciam lacunas no aprofundamento de dimensões simbólicas, culturais e identitárias. Nesse sentido, torna-se fundamental compreender como a identidade étnica se articula à memória social e ao pertencimento territorial, constituindo uma forma de resistência, estratégia de continuidade histórica e cultural das comunidades negras e quilombolas.

Formação histórica e memória quilombola em Poções

Antes mesmo de o bandeirante João Gonçalves da Costa travar embates com os povos originários que ocupavam a região, já havia trocas culturais entre negros e indígenas. Em cartas enviadas ao desembargador e ouvidor de Ilhéus, ele relatava que “em algumas destas aldeias se acham metidos alguns escravos que fugiram lá de baixo e um mulato ladino que, me dizem, é capitão de uma das aldeias” (Nascimento, 2008, p. 33).



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiral da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate das perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas :: VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento :: I Jequiê Zumba :: Cantinho do Griô



O historiador José Pereira dos Santos (2004), ao analisar as alforrias na Vila dos Poços, destaca que a presença de pessoas escravizadas esteve vinculada à estrutura econômica local desde o início do povoamento, no final do século XVIII. Essa constatação é corroborada por Traquino Torres (1898), que registra, para o ano de 1872, através do censo demográfico, uma população de 7.428 habitantes, dos quais quase 10% eram pessoas escravizadas (Torres, 1898, p. 89). Ainda segundo Santos (2004), devido à sua vasta extensão territorial e à baixa densidade populacional, Poções pode ter servido como rota e refúgio para pessoas escravizadas fugitivas provenientes de vilas próximas, sendo as comunidades negras da Lagoa do João, Vassouras e Pimenteiras possíveis espaços de acolhimento.

Em 2003, as comunidades Lagoa do João, Vassouras, Pimenteiras, Lagoa dos Patos e Queimados se mobilizaram e fundaram a Associação Comunitária dos Moradores e Produtores Rurais das Lagoas do João e Patos, Vassouras e Queimadas. Em 2010, iniciaram o processo de reconhecimento pelo Estado como comunidades quilombolas e, em 16 de junho de 2011, por meio da Portaria nº 91, a Fundação Cultural Palmares certificou, através do processo nº 2925/105, as comunidades Lagoa do João, Vassouras e Pimenteiras.

As comunidades estão localizadas na zona rural do município de Poções, a aproximadamente 27 km da sede urbana. Abrigam cerca de noventa famílias, que já correspondem, aproximadamente, à sétima geração desde a fundação da comunidade. No que se refere à formação do quilombo, esta é marcada, segundo a tradição oral, pela chegada de Pedro Casimiro e Vicência à localidade. Contudo, não há registros documentais que confirmem se esse fato ocorreu antes ou depois da abolição da escravidão. A ausência de fontes históricas reforça a importância da tradição oral como instrumento de recuperação do passado, preservação das memórias e afirmação da identidade étnica.

Por meio da oralidade, os mais velhos relatam que seus ancestrais vieram das "bandas do Gavião", referência a uma região denominada Laje do Gavião. Essa informação também aparece em uma entrevista concedida a Grazielle de Lourdes Novato Ferreira, em 1995, pela senhora Ana Isidora Pinheiro de Araújo, então com



100 anos de idade, moradora do Quilombo do Cinzento, situado a aproximadamente 12 km da Lagoa do João. Na ocasião, a entrevistada relatou que:

[...] Meu avô veio da Laje do Gavião. O nome dele era Dezidério. O velho Dezidério era cativo. Meu pai contava histórias de cativos, mas não ficou na minha cabeça [...]. [...] e eles vieram de lá para cá, meia noite, terça-noite, vieram escondidos (FERREIRA, 2003, p.55).

A historiadora Grazielle Ferreira (2003), em suas investigações acerca da descendência do Quilombo do Cinzento, faz referência à região de Laje do Gavião. Segundo ela, os mais velhos contam que: “seus antepassados são da região da Chapada Diamantina, mais precisamente, do antigo Arraial dos Creolos, atual Rio de Contas” (Ferreira, 2003, p.58).

Com a crise do ouro, muitos senhores migraram para outras regiões em busca do metal precioso e o Rio Gavião foi um dos locais escolhidos para a exploração. Esse território também permanece vivo na memória coletiva dos quilombolas da Lagoa do João, como revela os relatos orais sobre as origens de sua comunidade.

A historiadora realizou uma investigação documental na tentativa de localizar o inventário do possível proprietário das pessoas escravizadas que formaram o Quilombo do Cinzento. Para tanto, a historiadora tomou como ponto de partida os sobrenomes predominantes nessa localidade: Pinheiro, Araújo, Pereira e Nunes.

Perseguindo algumas pistas, cheguei até o arquivo Municipal de Rio de Contas, onde pude constatar a existência do único proprietário de escravos na região de Rio de Contas com o sobrenome Pereira Nunes (grafia da época), que coincide com as informações recuperadas na memória do grupo. O inventário no qual contém essa informação data do final do século XVIII, mais precisamente entre os anos 1766 e 1781 (FERREIRA, 2003, p. 58).

Dessa forma, considerando que as memórias da comunidade da Lagoa do João e Quilombo do Cinzento remetem sua descendência às margens do Rio Gavião, e tendo como referência os principais troncos familiares - como a família Araújo - presente na Lagoa do João, e a família Nunes - da comunidade de Pimenteiras, a hipótese é que os quilombos da Lagoa do João, Vassouras e Pimenteiras compartilham ascendência com o Quilombo do Cinzento.



A vinda dos primeiros negros do Quilombo do Cinzento está associada às comunidades estabelecidas à margem do Rio Gavião e é datada de 1810 a 1860 (Ferreira, 2003, p. 63). Por outro lado, no que se refere à comunidade da Lagoa do João, não é possível determinar com precisão quando esse processo ocorreu, devido à escassez de documentos e de registros orais. Para as comunidades de Lagoa do João, Vassouras e Pimenteiras, estima-se que o povoamento tenha ocorrido aproximadamente no mesmo período, em razão da proximidade entre elas. Considerando a chegada de Pedro Casimiro e Vicência e a expectativa de vida média de cerca de 70 anos, é possível levantar a hipótese de que o estabelecimento dessas comunidades tenha ocorrido entre 1840 e 1880.

A respeito das características da população das comunidades quilombolas, observa-se uma relativa homogeneidade física entre os moradores. De modo geral, trata-se de uma população majoritariamente negra, com traços semelhantes entre si, resultado de casamentos consanguíneos que contribuíram para a preservação de determinados grupos familiares ao longo de várias gerações.

Quando abordamos os territórios de comunidades negras e ressaltamos o vínculo com o passado para os quilombolas, pode-se inferir que:

[...] se construíram e criaram sua identidade através da apropriação histórica e cultural de um território determinado, cujo espaço é marcado por memórias do tempo vivido pela população e que ao mesmo tempo, define a identidade dessa população (ARRUDA, 2003, p. 3 APUD FERREIRA, 2003, p. 56).

Os testemunhos vivos e a memória da ancestralidade constituem um valioso legado para a recuperação histórica dos quilombolas da Lagoa do João, Vassouras e Pimenteiras. Suas características culturais resultam do esforço coletivo dos próprios sujeitos em organizar e ressignificar as interações sociais no interior da comunidade. Na tentativa de compreender os meandros da constituição quilombola, buscamos refletir não apenas sobre sua organização interna, mas também sobre as fronteiras étnicas que a definem. Como afirma Mello (2012), a diferença não é fruto do isolamento, mas sim do contato.



O contato deixa marcas, mas também reafirma a identidade. Os quilombolas têm na elaboração da sua identidade as marcas de uma vida sofrida e cheia de negações por serem uma comunidade negra.

Considerações finais

Nota-se que a historiografia acerca do sertão da ressaca é de uma abordagem que ressalta os feitos do conquistador, em muitas versões, ao passo que a presença indígena e negra aparece unicamente para destacar a bravura dos conquistadores.

Ainda há um longo caminho para romper com a história única. Como existe a ausência de documentos históricos, a única forma de recuperar o legado afro indígena na formação e desenvolvimento de Poções e região é valorizando a oralidade, as vivências, os saberes e tradições, bem como dar voz a sujeitos que historicamente teve suas histórias negadas.

A partir da revisão de literatura acerca dos estudos desenvolvidos nas comunidades quilombolas de poções percebemos ricas contribuições para pensar como o Estado e o município ainda impõem a estas comunidades uma invisibilidade através da negação dos direitos a saúde, educação, segurança alimentar, trabalho e renda, estradas e outros elementos essenciais para a sobrevivência e permanência no território.

Dessa forma, reforça-se a importância de pesquisas que valorizem a identidade étnica dessas comunidades, reconhecendo-as como protagonistas de sua própria história. Investigações que se orientem por esse princípio contribuem para o fortalecimento da memória, da autoestima coletiva e principalmente aponta para a necessidade de políticas públicas mais justas e inclusivas, capazes de assegurar a continuidade e a dignidade das comunidades negras e quilombolas.

REFERENCIAS



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiral da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas :: VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento :: I Jequiê Zumba :: Cantinho do Griô



FERREIRA, Graziela de Lourdes Novato. **O quilombo Cinzento: afro-diversidade no Brasil plural.** In: MEMÓRIA CONQUISTENSE: Museu regional. 7/8. ed. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2003. p. 39-68.

MELLO, Marcelo Moura. **Reminiscências dos quilombos: territórios da memória em uma comunidade negra rural.** São Paulo: Terceiro Nome, 2012, 267 p.

NASCIMENTO, Washington Santos. **Construindo o negro: lugares, civilidades e festas em Vitória da Conquista/BA (1870-1930).** 2008. 177 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

SANTOS, José Pereira. **Escravidão e Liberdade: Alforrias na Vila dos Poções (Bahia, Século XIX).** In: MEMÓRIA CONQUISTENSE: Museu regional. 7/8. ed. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2003. p. 153-172

SILVA, Gerusa Martins da. **Do chão da labuta à luta política no território quilombola da Lagoa do João nos marcos contraditórios do capital.** 2024. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2024.

SILVA, Larissa Souza Lima da. **Representações sociais e memória de pessoas idosas quilombolas sobre o acesso à atenção primária à saúde: uma questão de equidade e universalidade.** 2023. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2023.